

CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DOS ESCRAVOS DE SÃO PAULO (1777-1829)

Francisco Vidal Luna

Resumo

A introdução e desenvolvimento da produção de açúcar e de café em São Paulo provocou profundas mudanças no perfil populacional. O ingresso de cativos em grande quantidade, particularmente homens adultos, destruiu o relativo equilíbrio existente na população, tanto na proporção entre sexos como na estrutura etária. O estudo, baseado em manuscritos conhecidos como Maços de População, do Acervo do Estado de São Paulo, contempla vinte e cinco diferentes localidades de São Paulo, nos anos de 1777, 1804 e 1829, e nele procurou-se analisar as características demográficas dos escravos e sua relação com variáveis de natureza econômica. Mereceu especial atenção o casamento e a capacidade reprodutiva da população escrava

Abstract

The introduction and development of sugar and coffee production in São Paulo led to deep changes in its populational structure. The large number of slaves who entered the province, mainly adult men, destroyed the population's relative balance, both in terms of sex and age structures. The study, based on manuscripts known as "Maços de População" which belong to the Arquivo do Estado de São Paulo, covers twenty five different communities in São Paulo, in the years 1777, 1804 and 1829. The demographic characteristics of the slaves and their relation with economic variables were analysed in such study. Special attention was given to the slaves marriage and their reproductive capacity.

Palavras-chave

Escravos, demografia escrava, casamento de escravos, café

Key words

Slaves, slave demography, slaves marriages, coffee.

O autor é Professor Doutor da FEA-USP.

Os estudos recentes de demografia histórica permitiram aprofundar o conhecimento a respeito do sistema escravista, base da economia brasileira até a segunda metade do século passado. Aspectos, como a estrutura demográfica da população escrava, mereceram atenção especial dos pesquisadores; produziram-se importantes trabalhos sobre o tema e colocaram-se novas questões.⁽¹⁾

Em nosso caso, efetuamos vários trabalhos a respeito de diversos aspectos da sociedade colonial brasileira, particularmente sobre Minas Gerais, no período da mineração (século XVIII), e São Paulo, antes da intensificação da cafeicultura.

Quanto às relações entre variáveis econômicas e demográficas, tratamos do tema em algumas oportunidades, tanto no caso de Minas Gerais como São Paulo. Nas análises anteriores sobre São Paulo, consideramos um conjunto limitado de localidades. Neste, tomaram-se 25 localidades da Capitania (depois Província) de São Paulo, em três anos diferentes: 1777, 1804 e 1829.⁽²⁾

Como base documental utilizamos as Listas Nominativas dos Habitantes, manuscritos do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.⁽³⁾ Os censos realizaram-se de forma relativamente homogênea no período 1777 a 1829, embora existam Listas Nominativas para algumas localidades esparsas em períodos anteriores e posteriores, com diferente formato e menor riqueza de informações.

As 25 localidades distribuem-se pelas várias regiões de São Paulo e representam, em número e em população, parcela expressiva da Capitania. Os três anos selecionados constituem os extremos na série de censos disponíveis (1777 e 1829) e um ponto central, 1804.⁽⁴⁾

(1) Veja-se LUNA & KLEIN (1991) e MOTTA (1990, cap. II e IV) Nesses dois trabalhos apresentam-se indicações bibliográficas de inúmeros estudos sobre o tema.

(2) Na Tabela 1, apresenta-se a relação das localidades e o ano do respectivo Censo.

(3) O presente trabalho baseou-se nos manuscritos conhecidos como Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo - também conhecidos como Maços de População. Representam fonte fundamental para o conhecimento da sociedade colonial brasileira, principalmente a Capitania de São Paulo.

(4) A coleta das respectivas informações, que envolve outros aspectos econômicos e demográficos da sociedade paulista, iniciou-se há vários anos. Naquela oportunidade, foram excluídas da seleção as vilas com teses e monografias em andamento na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, baseadas na mesma fonte. É o caso de Taubaté, Ubatuba, Vila Bela e várias localidades do atual estado do Paraná. Excluídas estas, trabalhou-se com todas as Listas Nominativas disponíveis e em condição de leitura. Os Censos considerados neste artigo representam aproximadamente 70% da população de São Paulo e porcentual similar em relação ao número de vilas existentes nos anos considerados.

Apesar das diferenças regionais e modificações ao longo do período analisado (1777-1829), a agricultura manteve-se como a atividade econômica fundamental em São Paulo. Inicialmente, a maioria dos locais estudados baseava sua economia no cultivo de gêneros de subsistência, tal como arroz, milho, feijão, e na pecuária. Estes produtos representavam uma base de auto consumo e a principal fonte de renda para a maioria dos agricultores, pela venda de excedentes. Ao longo do tempo, algumas vilas voltaram-se à produção de gêneros dedicados ao mercado externo; as áreas mais ricas e importantes dedicavam-se ao processamento do açúcar, como Itú, Campinas e Porto Feliz. Até 1829, o café, principal produto da economia paulista na segunda metade do século passado, ainda encontrava-se em fase inicial. Nesse ano, entre as 25 localidades, apenas na vila de Arcias, localizada no Vale do Paraíba, o café consolidara-se efetivamente. Em Jacareí e Lorena, a produção avançava, mas em menor escala. Nas demais, ocorriam cultivos esparsos, com pouca representatividade em termos da produção e força de trabalho. O fumo e o algodão, outros produtos de exportação da região, não se comparavam economicamente ao açúcar.

Região pobre, comparativamente às áreas mais importantes do Brasil, ainda assim concentrava-se em São Paulo uma população escrava considerável, a maioria nascida no Brasil. Essa evidência coloca a possibilidade de crescimento vegetativo na população escrava, particularmente no século XVIII, antes da expansão do açúcar e do café. Com o crescimento desses cultivos mudou o perfil populacional, particularmente nas suas áreas de maior influência. O ingresso de cativos em grande quantidade, principalmente homens adultos, africanos ou nacionais, destruiu o relativo equilíbrio existente na população, tanto na proporção entre os sexos como na estrutura etária.

Pretende-se, neste trabalho, analisar essa população escrava, suas principais características demográficas e aprofundar o tema da situação matrimonial dos escravos,⁽⁵⁾ bem como o relacionamento dessa variável com outras de natureza econômica.

(5) A situação matrimonial ou o estado civil, representa uma das qualificações dos escravos normalmente existente nas Listas Nominativas. Exceto em casos particulares, torna-se impossível determinar os respectivos parceiros, bem como o tipo de casamento. Provavelmente representavam casamentos religiosos. Sobre o tema do casamento religioso entre escravos veja-se MOTTA (1990, p.210-250); SLENES (1976) e COSTA & GUTIÉRREZ (1984).

No período, modificações de natureza administrativa ocorreram na Capitania com a criação de novas localidades e a segmentação do território das vilas existentes. Para contornar esse problema e permitir uma visão geral e com maior densidade numérica dos resultados obtidos, segmentou-se a Capitania em cinco regiões geográficas: Oeste Paulista, Litoral, Região da Capital, Caminho do Sul e Vale do Paraíba. Apresenta-se a maioria dos resultados nesse nível de agregação, com informações em nível local, quando necessário.⁽⁶⁾

O trabalho engloba informações a respeito de uma população escrava crescente. No primeiro ano deste estudo - 1777 - os cativos somavam 15.789 pessoas, com relativo equilíbrio entre os sexos, com pequeno predomínio masculino, refletido na razão de masculinidade de 116. Nos anos seguintes, a população aumentou rapidamente, dobrando (33.040 escravos) até o ano de 1804, com leve incremento no peso relativo dos homens. No último ano da pesquisa, a população escrava alcançava 54.454 cativos, com aumento expressivo no peso masculino: proporção de 159 homens para cada grupo de cem mulheres, fruto das transformações nas atividades econômicas. O Vale do Paraíba e o Oeste Paulista, onde se concentravam o açúcar e o café, sofreram as maiores mudanças. Essas áreas cresceram a taxas superiores à média da Capitania, e ao final do período mostravam perfil populacional majoritariamente masculino, principalmente o Oeste Paulista: razão de masculinidade de 198 entre seus 18.884 escravos. Em algumas vilas, como Campinas, Mogi Mirim e Porto Feliz, importantes centros açucareiros, a razão de masculinidade ultrapassava duzentos. Na região da Capital, marcada pela produção de gêneros alimentícios variados e aguardente, encontrou-se o maior equilíbrio quantitativo entre os sexos (Tabela 1).

Apesar da forte presença do açúcar, sem a dimensão da produção nordestina, repetem-se na Capitania de São Paulo várias das características

(6) Em nível de localidade, ocorriam fortes alterações na população causadas por desmembramentos, com a formação de novas vilas. Ademais, os cruzamentos sucessivos entre diferentes variáveis pode ocasionar amostras relativamente pequenas, principalmente em localidades de menor porte. A agregação por região reduz o problema. Ao utilizar-se a região geográfica para apresentação e análise dos resultados, as flutuações se reduzem, pois a parte segmentada de uma vila, para a formação de uma nova, mantém-se na mesma região geográfica. Assim, por exemplo, no caso de Guaratinguetá, temos informações referentes aos três anos considerados. Entretanto, Lorena e Cunha se haviam desmembrado quando do censo de 1804 e, em 1829, Arcias já se separara de Lorena. Em nível da região correspondente (Vale do Paraíba), tais modificações não afetam os resultados agregados.

verificadas em outras áreas escravistas da América, nas quais não predominavam as atividades orientadas para exportação. A proporção de escravos na população situa-se ao redor de vinte por cento, elevando-se dez pontos porcentuais em 1829. Aproximadamente trinta por cento dos fogos possuía escravos, com média de escravos por proprietário relativamente baixa. Regionalmente, dada a heterogeneidade da atividade econômica na Capitania, ocorriam diferenças, mas em nenhuma localidade encontrou-se um perfil fundamentalmente diferente. Entre 1777 e 1829 essas características gerais não se modificaram.⁽⁷⁾

A força transformadora do café, sentida em Areias, e em pequena escala em Jacareí e Lorena, não se fizera sentir nas demais áreas da Capitania no período em estudo.

Das 25 localidades, Areias representava a única essencialmente dedicada à cafeicultura, em 1829. Nessa vila, concentravam-se 5.597 escravos, dos quais cerca de oitenta por cento em fogos voltados ao cultivo do café; a proporção de fogos com escravos alcançava 38%; a média de escravos por proprietário resultava 9,3 e a participação dos escravos na população total alcançava 45%. Tais números repetiam-se nas localidades açucareiras mais importantes, como Campinas, Itu e Porto Feliz, mas em nenhuma delas os escravos mostraram um peso tão elevado na população. Apesar da cafeicultura constituir uma atividade recente, Areias representava a vila com o maior número de escravos dentre as estudadas, superando localidades tradicionalmente açucareiras.⁽⁸⁾

A marcante concentração na agricultura, com mais de oitenta por cento dos escravos em fogos voltados para essa atividade, constituía característica fundamental dessa Capitania. Esta situação repetia-se em todas as áreas consideradas, exceto na cidade de São Paulo, Santos e Sorocaba. O comércio, o artesanato e os serviços, relativamente pouco importantes nas demais localidades, mostravam maior peso nestes três núcleos, principalmente na cidade de São Paulo, centro administrativo da Capitania, com uma estrutura econômica e demográfica diferenciada.⁽⁹⁾

(7) Estes dados representam resultados preliminares de um estudo mais amplo, baseado na mesma coleta de informações das Listas Nominativas dos Habitantes, e que contempla outros aspectos da sociedade paulista, tais como posse de escravos, atividades econômicas, produção, preços etc.

(8) Idem nota 7.

(9) Idem nota 7.

Características Demográficas da População Escrava

Entre 1777 e 1829 deu-se gradativo, mas persistente, aumento na participação de adultos do sexo masculino, principalmente nas áreas dedicadas ao cultivo de produtos para exportação, como açúcar e café. Como entre os escravos importados de outras áreas do Brasil ou da África predominavam homens adultos, provavelmente uma grande parte das crianças existentes na região refletia o processo reprodutivo da população escrava na própria Capitania. Desse modo, nesse grupo etário verificava-se uma estrutura equilibrada relativamente aos sexos. À medida que aumentava a idade dos escravos ampliava-se a influência dos escravos, adquiridos fora da região e, portanto, a razão de masculinidade. Em 1829, por exemplo, a razão de masculinidade elevou-se para 151 na faixa etária de 10 a 19 anos, contra 99 no segmento de 0-9 anos. Inclusive nas áreas da Capitania com maior equilíbrio quantitativo entre os sexos, como na região da Capital e no Caminho do Sul, a razão de masculinidade crescia proporcionalmente à idade dos escravos, principalmente a partir dos trinta anos. Mesmo em 1777, antes da intensificação dos cultivos exportáveis, a população como um todo apresentava razão de 116, com diferenças entre as várias faixas etárias. O relativo equilíbrio existente até os quarenta anos, rombia-se nas faixas etárias seguintes.⁽¹⁰⁾ Esse resultado deveria refletir um significativo ingresso de escravos adultos do sexo masculino de outras regiões, nascidos no Brasil ou africanos. Em 1804 e 1829, o aumento na razão de masculinidade proporcional à idade deu-se mais intensamente, reflexo da intensificação no ingresso de homens adultos e também de adolescentes. Em 1829, como vimos, já na faixa etária de 10-19 anos a razão de masculinidade resultava elevada: 151 (Tabela 2).

A apontada entrada de escravos refletiu-se no peso relativo dos escravos africanos, com aumento de 30% para 50% entre 1804 e 1829.⁽¹¹⁾

Em trabalhos anteriores referentes à Capitania de São Paulo, identificou-se significativo peso dos escravos casados. O resultado repete-se neste

(10) O número de escravos reduzia-se nas faixas etárias mais elevadas, mas o cálculo das razões de masculinidade ainda mantém representatividade: nos três anos considerados, em nenhuma faixa etária encontrou-se número de escravos inferior a trezentos para o agregado da população. Em nível de região, os números reduziam-se significativamente, particularmente nas regiões com menor número de escravos.

(11) Idem nota 7.

estudo, com bastante homogeneidade tanto no tempo como no espaço. Em 1804,⁽¹²⁾ para o conjunto da população escrava com 15 anos ou mais, o porcentual de casados alcançava 28,8% e o de viúvos 3,0%. Em 1829, os números mantiveram-se estáveis, com porcentagens de 28,4% e 2,1%, respectivamente. O menores porcentuais ocorreram nas áreas voltadas aos cultivos de subsistência, com baixas médias de escravos por proprietário, como a Região da Capital (23,3% de casados) e o Litoral (18,9%). O oposto ocorria no Oeste Paulista, centro produtor de açúcar, com 34,6% (Tabela 3). A correlação positiva entre o tamanho do plantel e a oportunidade de casamento dos escravos, a ser discutida posteriormente, explicava estes resultados.

A elevada razão de masculinidade, particularmente em 1829, ocasionava uma desproporção nos porcentuais de casados, solteiros e viúvos, quando segmentava-se a população escrava por sexo. Considerados todos os escravos, verifica-se entre as mulheres um porcentual de casadas e viúvas bastante superior ao de homens nas faixas etárias de 10 a 49 anos. Nas faixas seguintes, o porcentual de homens casados suplantava o de mulheres, mas neste segmento encontrava-se um significativo peso das viúvas (Tabela 4). Cerca de metade das mulheres acima de vinte anos registraram-se como casadas ou viúvas; para os homens o porcentual reduzia-se para cerca de um terço (Tabela 5).

A capacidade reprodutiva da população escrava representa um dos temas mais empolgantes. Os debates atuais parecem indicar a ocorrência de reprodução natural da força de trabalho escrava, em determinadas situações e áreas do Brasil, condicionada à relativa estabilidade da população cativa, sem ingresso quantitativamente importante de novos escravos. A entrada maciça de homens adultos alterava o equilíbrio populacional existente. Destarte, a eventual reprodução natural da população escrava conflitava com a existência de intensa produção voltada para a exportação, pois neste caso viabilizava-se o ingresso maciço de novos escravos, que desestabilizavam a estrutura da população escrava.

(12) As Listas Nominativas de 1777 não contêm o estado civil e a origem dos escravos nem a informação da atividade do proprietário. Na Lista Nominativa de Pindamonhangaba, não consta inclusive a idade dos escravos.

Provavelmente em regiões dedicadas aos cultivos de subsistência, não necessariamente de autoconsumo, ocorreu a reprodução natural. Na Capitania de São Paulo, durante o século XVIII, a economia baseada em cultivos de subsistência, com relativa estabilidade da população escrava, possivelmente permitiu a reprodução natural dos escravos. No final do século XVIII, ao intensificar-se a atividade açucareira no Oeste Paulista e posteriormente com a introdução do café, inibiu-se o potencial reprodutivo. Ao considerar-se a relação número de crianças/mulheres em idade reprodutiva, notam-se as mudanças ocorridas. A relação crianças de 0-4 anos/mulheres de 15-44 anos reduziu-se de 472 (1777) para 364 (1829); a relação crianças 0-9/mulheres de 15-49 anos mostrou trajetória similar: caiu de 855 (1777) para 717 (1829). Os números de 1777 já se mostravam baixos e a forte queda ocorrida no período tornou a reprodução natural da população escrava pouco provável (Tabela 6). Estas relações mostram resultados baixos relativamente aos prevalecentes nos Estados Unidos (LUNA & KLEIN, 1991), mas comparáveis à Jamaica, onde a proporção de crianças 0-4 anos para cada 1000 mulheres com idade de 15-44 anos alcançava 399, e à Trinidad, em 1813, com 434 crianças na faixa de 0-4 anos para cada grupo de 1000 escravas entre 15 e 44 anos.

Em 1829, as vilas com maiores indicadores crianças/mulheres dedicavam-se à agricultura de subsistência, como Pindamonhangaba, Itapeva, Atibaia, São Luiz do Paraitinga e Iguape, com níveis superiores a 500 na relação crianças 0-4 anos/mulheres de 15-44. O extremo oposto ocorria nas áreas produtoras de açúcar e café: Guaratinguetá (227), Campinas (277), Itu (287), Porto Feliz (315) e Areias (378), e em localidades voltadas a atividades não agrícolas, como São Paulo (281) e Santos (232). Em 1777 os maiores valores ocorreram em Itapeva com 827, Mogi Mirim com 750 e Mogi das Cruzes com 663.⁽¹³⁾

Também a participação de crianças na população total alterou-se com o ingresso de escravos, no início do século XIX. O porcentual manteve-se relativamente estável entre 1777 e 1804, sendo de 10% o peso do segmento de 0-4 anos e 20% da faixa de 0-9 anos; em 1829, reduziu-se para 8% e 16%, respectivamente. A maior queda deu-se nas áreas voltadas ao cultivo de produtos exportáveis, como o Vale do Paraíba e o Oeste Paulista. Esta

(13) Resultados obtidos pela desagregação das informações contidas na Tabela 6.

última região já mostrava valores abaixo da média nos dois períodos anteriores e representou a mais afetada em 1829, com quedas para 6,4% e 12,6%, respectivamente. Os resultados refletem a entrada de novos escravos adultos e a menor capacidade de reprodução natural dos escravos na Capitania de São Paulo (Tabela 7). A maioria das crianças existentes na área representava escravos nascidos no Brasil, pois no tráfico negreiro preferiam-se os adultos, com baixa participação de crianças (KLEIN, 1987).

A partir das Listas Nominativas, nas quais usualmente não se relacionavam diretamente a mães com os respectivos filhos, torna-se impossível determinar os filhos gerados por escravas nascidas no Brasil e africanas. Ou seja, não há como calcular a relação entre crianças e mulheres de mesma origem. No caso das crianças nascidas no Brasil, as mães podiam ser nacionais ou africanas. Quanto às crianças africanas, não há evidência de que fossem filhos das mulheres africanas existentes na Capitania. As crianças nascidas no Brasil devem comparar-se ao total de escravas, independentemente de origem, como indicador indireto de fertilidade ou da capacidade reprodutiva do contingente escravo residente na região. A proporção de crianças africanas refletia principalmente o peso das crianças no tráfico negreiro. Estimativa grosseira, pois cada região do país poderia comprar um conjunto de escravos com estrutura de sexo e idade específica, sem reproduzir a composição etária dos escravos trazidos da África.

A relação entre as crianças e o total de homens e mulheres da mesma origem refletia também essa diferença entre os nascidos no Brasil e africanos. As crianças nascidas no Brasil, com idade de 0-9 anos, participavam com cerca de um terço da população de escravos nascidos no Brasil, enquanto para os africanos a porcentagem não ultrapassava dois por cento (Tabela 8).

A razão entre a soma de crianças e velhos com os adultos também sofreu a influência da entrada de novos escravos na Capitania. A incorporação de escravos adultos reduziu o peso relativo das crianças e dos velhos, principalmente no Oeste Paulista e Vale do Paraíba (Tabela 9). Com a entrada de adultos ocorreu um processo de envelhecimento da população e, como entre os adultos predominavam os homens, aumentava a razão de masculinidade da população escrava. Os dois efeitos - envelhecimento da população e crescimento na participação masculina- alteravam o perfil da população, provavelmente com redução no seu potencial reprodutivo, ape-

sar do movimento no sentido de maior proporção de casados e viúvos entre os escravos.

Entre 1804 e 1829, para os africanos resultou alta e crescente razão de masculinidade: 202 e 227, respectivamente. Os escravos nascidos no Brasil mostravam relativo equilíbrio quantitativo entre os sexos, particularmente em 1804, quando a presença feminina suplantava, quantitativamente, a masculina na Capitania (razão de masculinidade igual a 95).

Em 1804, no Oeste Paulista, região com maior peso dos homens entre os africanos, a razão de masculinidade situava-se em trezentos e trinta. Em 1829, a razão diminuiu, mas ainda manteve-se elevada, com duzentos e setenta e seis. Nos dois anos manteve-se o equilíbrio entre os indivíduos nascidos no Brasil. Resultados semelhantes verificavam-se no Vale do Paraíba e, embora em menor escala, nas demais regiões da Capitania. A característica masculina dos escravos adquiridos fora da São Paulo transformou a estrutura demográfica da Capitania como um todo, particularmente das regiões mais fortemente ligadas aos cultivos de exportação, principais compradores de cativos (Tabela 10).

As escravas nascidas no Brasil mostravam uma estrutura etária relativamente equilibrada. As africanas, ao refletir o processo de tráfico negreiro que privilegiava adultos, apresentavam um perfil etário envelhecido, praticamente inexistindo o segmento de 0-9 anos. Essa estrutura etária das africanas causava impacto de dois modos distintos e contraditórios sobre a capacidade de reprodução da população escrava. As africanas ao chegar no país haviam perdido parte de seu período fértil, mas, ao mesmo tempo, o peso das mulheres em idade fértil no total da população feminina mostrava-se maior no segmento africano. Por exemplo, em 1829, no contingente feminino africano, 88% das mulheres situavam-se na faixa etária de 10-49 anos, contra 63% das nacionais (Tabela 11).

Por fim, ainda relativamente à comparação entre o contingente de africanos e o de nascidos no Brasil, tome-se a situação matrimonial dos dois grupos. Para os escravos com 15 anos e mais não se evidenciavam diferenças significativas, embora os africanos apresentassem porcentual de casados e viúvos ligeiramente superior, comparativamente aos nascidos no Brasil (Tabela 12).

Torna-se possível também comparar, em cada faixa etária, a proporção de casados e viúvos para os dois grupos de origem. De modo geral, verifica-se bastante homogeneidade entre os dois segmentos: tanto para os africanos como para os nacionais a proporção de casados e viúvos aumentava com a faixa etária, de cerca de 10% na faixa de 15-19 anos, para 40 a 50% nos escravos acima de trinta anos (Tabela 13).

Várias conclusões resultam desta primeira parte do trabalho. O relativo equilíbrio demográfico existente na população escrava da Capitania sofreu forte influência pela introdução de novos escravos adultos africanos. Ampliou-se a razão de masculinidade, principalmente nas áreas dedicadas aos cultivos de exportação; a proporção de casados e viúvos na população escrava, alta para os padrões de outras áreas da América, manteve-se estável; a eventual capacidade de reprodução natural da população escrava, provavelmente prevalecente no período anterior, viu-se fortemente afetada com a entrada de novos escravos, mostrando sinais de inviabilidade de auto-reprodução ao iniciar-se o século XIX. Embora ocorresse maior participação de casados e viúvos nas regiões mais intensamente voltadas aos cultivos de exportação, nessas áreas prevalecia menor capacidade de reprodução dos escravos. Como veremos, a maior participação de escravos e viúvos ligava-se ao tamanho do plantel e não se refletia diretamente na capacidade reprodutiva.

Indicadores Demográficos e Posse de Escravos

Constataram-se duas relações importantes quanto à razão de masculinidade: (a) proporcionalidade entre a razão de masculinidade e a idade dos escravos; (b) valores elevados da razão de masculinidade entre os africanos e relativo equilíbrio entre os escravos nacionais.

Nos três anos identificou-se correlação positiva entre a razão de masculinidade e o tamanho do plantel. O equilíbrio quantitativo, existente no agregado dos homens e mulheres pertencentes aos menores plantéis, rompia-se nos segmentos seguintes, principalmente no ano de 1829, quando o aumento deu-se de forma relativamente abrupta. De uma proporção de 112 homens para cada grupo de cem mulheres, prevalecente entre os cativos dos pequenos proprietários (1 a 5 escravos), resultaram valores de 139, 166, 187 e 207, nos segmentos seguintes: 6-10, 11-20, 21-40 e mais de quarenta.

Ou seja, os plantéis tornavam-se mais adequados, do ponto de vista da capacidade produtiva, proporcionalmente ao crescimento no número de escravos de cada proprietário, pela incorporação de mais escravos do sexo masculino. Esse resultado repetia-se nas várias áreas da Capitania, com maior ênfase nas dedicadas aos cultivos de exportação, como o Oeste Paulista e o Vale do Paraíba. Embora em todas as regiões ocorresse aumento na razão de masculinidade proporcional ao crescimento no tamanho do plantel, em algumas o maior valor da razão de masculinidade não ocorria no segmento de mais de quarenta cativos, mas nos níveis intermediários como de 11 a 20 ou 21 a 40 (Tabela 14).

O aumento no peso dos elementos do sexo masculino proporcional ao número de escravos possuídos e a tendência aos casamentos dentro do plantel⁽¹⁴⁾ deveria inibir a proporção de cativos casados nos maiores plantéis; entretanto, ocorria exatamente o contrário. Ou seja, entre os escravos de quinze anos ou mais, o peso dos casados crescia proporcionalmente ao tamanho do plantel. Este resultado se verifica nas cinco regiões da Capitania. Em 1829, por exemplo, no segmento dos proprietários com até cinco cativos, encontrou-se apenas 18% de casados; no nível seguinte (6 a 10 escravos), o percentual elevou-se para 26% e, nos três segmentos seguintes, resultaram 33%, 36% e 37%, respectivamente.⁽¹⁵⁾

Existe clara segmentação dos escravos em dois grandes grupos: os pertencentes aos proprietários com até cinco escravos e os demais. No primeiro grupo, os escravos apresentavam relativo equilíbrio quantitativo entre os sexos,⁽¹⁶⁾ mas ao mesmo tempo menor participação de casados e viúvos. No outro, e de forma proporcional ao tamanho do plantel, ampliava-se o peso dos casados e viúvos (Tabela 15).

(14) Sobre o tema dos casamentos dentro do próprio plantel veja-se COSTA *et al.* (1987, p. 254-257); SLENES (1987, p.218-219); METCALF (1983, p.181-182)

(15) Se não houvesse tendência ao casamento dentro do próprio plantel, o aumento na razão de masculinidade nos maiores plantéis pouco importaria, pois mesmo com maior número de homens do que mulheres em nível de plantel, a possibilidade de casamento com escravas de outros plantéis igualaria as oportunidades

(16) O equilíbrio quantitativo no sexo dos escravos possuídos pelos pequenos proprietários ocorria única e exclusivamente quando se agregavam os escravos de todos os pequenos proprietários. Em nível de cada plantel isoladamente, verificam-se resultados totalmente erráticos. No caso dos proprietários com um só escravo, por exemplo, em nenhuma hipótese poderia ocorrer equilíbrio dentro do plantel. Entretanto, no agregado podemos ter uma situação de equilíbrio.

Esse aparente paradoxo, confirmado em outros estudos,⁽¹⁷⁾ explica-se pela maior oportunidade existente nos maiores plantéis para encontrar, dentro do próprio grupo, parceiro ou parceira compatível. Nos pequenos plantéis havia dificuldade física de encontrar parceiros compatíveis. No agregado dos escravos pertencentes aos proprietários de pequeno porte ocorria equilíbrio entre os sexos, mas não em nível de cada fogo em particular. Considerados os fogos com até cinco escravos, a possibilidade de existirem pares compatíveis para matrimônio mostrava-se pequena, comparativamente aos plantéis com trinta ou quarenta escravos. Em trabalho anterior a respeito da cidade de São Paulo, em 1804, analisou-se cada fogo isoladamente. Para os escravos com idade entre 15 e 49 anos, a potencialidade física de casamentos dentro do plantel crescia com o tamanho. Entre os 685 escravos de 15 a 49 anos possuídos pelos proprietários de 1 a 5 escravos, apenas 262 constituíam pares compatíveis de sexo (38% do total). Para o tamanho seguinte (6-10 escravos), o percentual situou-se em 62% e alcançava patamares acima dos setenta por cento nos níveis seguintes (LUNA, 1990, p. 226-236.).

Identificou-se, nos dois primeiros anos estudados - 1777 e 1804 -, relação entre o número de escravos possuídos e o peso de crianças, particularmente na comparação entre o grupo dos escravos pertencentes aos pequenos proprietários (1 a 5 escravos) e os demais. Em 1804, entre os escravos pertencentes aos pequenos proprietários as crianças representaram 8% e 17%, respectivamente para as idades de 0-4 anos e 0-9 anos. Nos segmentos seguintes quanto ao tamanho do plantel, o peso da primeira faixa etária manteve-se entre 10 e 11%; para a segunda faixa etária obtiveram-se valores entre 19 e 23%. Para o ano de 1777 encontraram-se resultados similares. Em 1829, o peso das crianças mostrou-se menor para todos os tamanhos de plantéis. Refletia o ingresso de adultos, africanos ou nascidos no Brasil, reduzindo o peso relativo das crianças, possivelmente na maioria nascida na própria Capitania (Tabela 16).

O menor peso de crianças entre os pequenos proprietários refletia-se também na relação crianças por mil mulheres. Os resultados desse grupo

(17) Sobre o tema veja-se METCALF (1991); MOTTA (1990); COSTA *et al.* (1987); GUTIÉRREZ (1986); SLENES (1987).

mostravam-se abaixo dos verificados entre os médios e grandes proprietários, particularmente nos anos de 1777 e 1804 (Tabela 17).

Algumas conclusões evidenciam-se desta seção do trabalho. Com a expansão das atividades econômicas na Capitania de São Paulo, principalmente as orientadas para exportação, ingressaram novos escravos, com predomínio de homens adultos africanos, alterando a estrutura demográfica existente. A incorporação desses escravos fez-se majoritariamente nos plantéis de médio e grande porte, provocando, nestes, as maiores transformações. Reduziu-se o peso das crianças e piorou a relação crianças/ mulheres. Apesar do forte aumento na razão de masculinidade nos maiores plantéis, manteve-se relativamente estável o peso dos escravos casados e viúvos, superior ao prevalecente no conjunto dos cativos pertencentes aos pequenos proprietários. Em face da forte influência quantitativa dos médios e grandes proprietários, manteve-se relativamente estável o peso dos casados e viúvos na população escrava como um todo. Em 1804 e 1829 a parcela da população escrava casada ou viúva ultrapassava a terça parte dos cativos com 15 anos ou mais, percentual elevado para os padrões verificados em outras áreas da América.⁽¹⁸⁾

Entretanto, a proporção de casados e viúvos na população escrava não se refletia diretamente sobre a capacidade de reprodução da população escrava. No conjunto da população, a proporção de casamentos associava-se particularmente a questões administrativas e/ou religiosas, induzindo o processo de formalização das relações matrimoniais. Determinada culturalmente uma proporção de casamentos na população como um todo e mantida a tendência aos casamentos dentro dos plantéis, a maior ocorrência nos médios e grandes plantéis resultava da maior possibilidade de existirem pares compatíveis.

Por outro lado, a associação entre a agricultura de subsistência e a capacidade de reprodução natural da força de trabalho relacionava-se com a estabilidade da população escrava, sem a entrada continuada de escravos, preferencialmente homens adultos, mudando a estrutura populacional. A agricultura de exportação provocava aumento no tamanho médio do plantel. Nestas atividades, situava-se a maior proporção de casamentos e também o maior proporção das crianças. Entretanto, ao expandir-se a agricultura de

(18) Sobre o tema veja-se Luna & Klein (1991).

exportação deteriorava-se o potencial reprodutivo da população escrava no seu todo. E para os novos níveis reprodutivos, menores comparativamente aos anteriores, possivelmente nos maiores plantéis se mantivessem os maiores potenciais de reprodução.

Indicadores Demográficos e Atividades Econômicas dos Proprietários

Na região paulista preponderava a agricultura. Em 1829, de um total de 54.454 escravos, obtiveram-se informações referentes às atividades econômicas dos proprietários responsáveis por mais de 50.000 escravos, cerca de 80% pertencentes a indivíduos envolvidos com atividades agrícolas. O açúcar e os cultivos variados (basicamente produtos típicos de subsistência) preponderavam quanto à posse de escravos, com aproximadamente 15.000 cativos em cada um. O peso do café correspondia à metade desse número.⁽¹⁹⁾

A marcante participação dos escravos ligados ao setor agrícola refletiu-se nos indicadores obtidos. Assim, os resultados agregados assemelhavam-se aos da agricultura, apesar das diferenças existentes entre os vários segmentos econômicos, como artesanato, comércio, transportes, atividades do mar, mineração e profissionais liberais, relativamente à agricultura. Alguns segmentos econômicos mostravam-se pouco significativos quanto à posse de escravos. Na mineração, por exemplo, somente em 1804 encontraram-se proprietários de escravos, e com apenas 42 cativos. As atividades do mar, obviamente concentradas no litoral, compareciam com reduzida participação entre os proprietários, com 31 escravos em 1829. Outras atividades, como serviços por exemplo, apesar de eventualmente significativas no conjunto das atividades econômicas, possuíam baixa representatividade entre os proprietários.

A razão de masculinidade na agricultura indicava valores elevados (126 e 170, respectivamente, em 1804 e 1829), superiores às demais ativi-

(19) A classificação das atividades múltiplas representa séria dificuldade. Entre as várias alternativas estudadas, optou-se pela definição subjetiva de uma atividade econômica principal e várias complementares, associadas aos proprietários no momento da coleta dos dados. A principal seria aquela da qual se considerou que o proprietário obtinha a parte mais importante da renda. Embora coletadas as atividades complementares fossem coletados, não foram utilizadas neste trabalho.

des. Nos transportes, em ambos os anos, encontrou-se também forte peso masculino, comparável à agricultura. Embora em proporção menor, os homens também suplantavam quantitativamente as mulheres no conjunto dos escravos possuídos pelos proprietários dedicados às profissões liberais, funções administrativas e igreja, classificados como "liberais e afins".⁽²⁰⁾ O artesanato resultou ser a única atividade econômica importante, com maioria feminina: valores pouco acima de 80 nos dois anos (Tabela 18).

Relativamente aos demais segmentos, na agricultura e nos transportes evidenciou-se expressivo peso de escravos casados e viúvos. Nestes dois setores a participação de casados e viúvos alcançava de 30 a 35% e nos demais mantinha-se entre 15 e 25% (Tabela 19).

Repete-se o resultado identificado anteriormente: os segmentos com maior razão de masculinidade apresentavam também a maior proporção de casamentos. Esta evidência merece qualificação para situar corretamente a relação de causalidade. Verificou-se ser a participação de casados e viúvos relacionada ao tamanho do plantel, sendo esta a correlação significativa. Nos maiores plantéis, apesar da alta razão de masculinidade, a influência do tamanho de plantel na determinação da proporção de casamentos mostrava-se suficientemente forte para provocar maior proporção de casamentos. Sem dúvida, a relação não ocorria no sentido de maior razão de masculinidade determinar elevada proporção de casamentos. A relação correta dava-se no sentido de proporcionalidade entre o crescimento do tamanho de plantel e o aumento na proporção de casamentos, apesar da maior razão de masculinidade. O relacionamento entre o porcentual de escravos casados às diversas atividades refletiria diferenças no tamanho médio do plantel nas várias atividades. Como na agricultura concentravam-se os maiores proprietários, resultava neste segmento econômico a maior proporção de casados e viúvos entre os escravos, apesar da elevada maior razão de masculinidade. Nas demais, preponderava o peso dos pequenos proprietários e, portanto, o menor potencial de casamentos para os escravos (Tabela 20).

Pode-se complementar a análise com a segmentação da agricultura em açúcar, café, aguardente, cultivos em geral e pecuária. Preponderava o

(20) Poder-se-ia esperar equilíbrio entre os escravos possuídos pelo segmento de "liberais e afins". O resultado encontrado talvez reflita distorções provocadas pelas atividades múltiplas. Embora a atividade principal desses proprietários não estivesse ligada diretamente à produção, provavelmente vários dedicavam-se também, ainda que marginalmente, à agricultura.

açúcar com cerca de um terço dos escravos, tanto em 1804 como em 1829; o café ganhou importância neste último ano, com pouco menos de um quinto dos cativos; na produção de aguardente situava-se cerca de cinco por cento dos cativos, nos dois anos; a pecuária perdeu importância entre 1804 e 1829, reduzindo-se de cerca de dez para cinco por cento; por fim, no segmento de "outros cultivos" englobava-se uma ampla gama de produtos de subsistência, como milho, arroz, feijão e outros produtos de exportação de menor importância para a Capitania, como algodão, fumo etc. Neste conjunto, denominado "outros cultivos", concentravam-se, em 1804, cerca da metade dos escravos; em 1829, a participação reduziu-se para um terço. Entre os dois períodos deu-se o surgimento do café e a queda na participação relativa dos "outros cultivos". Embora entre 1804 e 1829 o número total de escravos na região aumentasse em 70%, no segmento dos "outros cultivos" a expansão limitou-se a 17%.

Nos cinco segmentos agrícolas aumentou a razão de masculinidade entre 1804 e 1829. Mesmo nos "outros cultivos", inicialmente com relativo equilíbrio quantitativo entre os sexos (razão de 108), aumentou o valor para 140, em 1829. Nos dois anos correspondeu ao açúcar os maiores valores (195 e 265), com níveis também elevados para o café (249) em 1829, quando o produto apresentava peso significativo em Areias. Mesmo na produção de aguardente e na pecuária a desproporção quantitativa entre os sexos mostrava-se significativa, particularmente em 1829 (Tabela 21).

Quanto ao estado civil, verificaram-se os maiores níveis de casados e viúvos no açúcar, aguardente e pecuária. Inclusive em 1829, quando o café ganhara importância econômica, verificou-se entre os escravos pertencentes aos cafeicultores pequena participação de casados e viúvos, comparativamente às atividades de aguardente e pecuária (Tabela 22).

Do ponto de vista da razão de masculinidade, em 1829, o café e o açúcar mostravam níveis comparáveis, na faixa de 250 homens para cada grupo de 100 mulheres. Entretanto, as duas atividades revelaram perfis distintos. O açúcar consolidara-se fortemente em inúmeras localidades do Oeste Paulista e do Vale do Paraíba, enquanto o café, ainda em fase inicial, somente apresentava importância efetiva em Areias e, em menor escala, em Lorena e Jacareí (em Areias concentravam-se mais de dois terços dos escravos dedicados ao café encontrados nesta pesquisa). Ademais, o tamanho

médio do plantel diferia completamente; enquanto no açúcar a média de escravos por proprietário suplantava trinta, no café pouco ultrapassava dez cativos. A média de escravos no café mostrava-se inclusive abaixo da atividade de aguardente e da pecuária. Assim, a razão de masculinidade elevada no café, comparável ao açúcar, e muito acima da aguardente e pecuária, representava fator inibidor de uma proporção elevada de casados e viúvos, e não havia a compensação de um tamanho elevado no plantel, que tornava mais viáveis os casamentos entre escravos.

Talvez a própria estruturação recente representasse outro fator inibidor de uma maior proporção de casamentos entre escravos na cafeicultura. Possivelmente em locais como Areias, com rápido crescimento nos primeiros anos do século XIX, com forte processo de compra de escravos de outras zonas, os plantéis de escravos tivessem sido constituídos há pouco tempo, sem condições ainda para se consolidarem em termos familiares. Na atividade cafeeira, nas 25 localidades estudadas, encontraram-se apenas 168 escravos em 1804; em 1829 este número elevou-se para cerca de 8.000. Uma parte dos proprietários que, em 1829, aparecem como cafeicultores, possivelmente já eram agricultores em outros tipos de cultivos em 1804, mas provavelmente uma parcela expressiva dos plantéis dedicados ao café em 1829 devia ser de formação recente, principalmente em Areias.⁽²¹⁾

Na relação entre tamanho do plantel, tipo de atividade agrícola e sexo, identificou-se na cafeicultura uma razão de masculinidade elevada para todos os tamanhos, inclusive naqueles de até cinco escravos. Neste segmento, em 1829, enquanto a média geral nas atividades agrícolas alcançava 132, e no açúcar 109, na produção de café ocorria a proporção de 223 homens para cada grupo de 100 mulheres. E os valores da razão de masculinidade cresciam nos níveis seguintes de tamanho de plantel da cafeicultura, situando-se em 304 para a faixa de proprietários com mais de quarenta cativos, valor superior ao verificado na atividade açucareira. Estes resultados mostram a tendência dos cafeicultores, de todos os tamanhos, no sentido de compor plantéis adaptados às dificuldades da cafeicultura (Tabela 23).

Ao comparar-se a proporção de escravos casados e viúvos para cada uma das atividades agrícolas, por tamanhos semelhantes, verifica-se que a

(21) Resultados também apontados por MOTTA (1990, p. 359-457) para Bananal, localidade que neste trabalho encontra-se englobada em Areias, vila a qual pertencia.

porcentagem de escravos casados e viúvos é sistematicamente menor na cafeicultura, comparativamente às demais culturas, em particular em relação ao açúcar. Além da influência da razão de masculinidade, outra causa a explicar esse resultado seria o fato, já apontado, do café significar uma produção em fase de implantação, com explosivo crescimento em algumas localidades, como Areias, sem a consolidação dos plantéis, como ocorria em outras atividades. Na fase seguinte da cafeicultura, quando se formaram grandes fazendas dedicadas a esse produto, primeiro no Vale do Paraíba e depois no Oeste Paulista, provavelmente alterou-se a estrutura encontrada até 1829 (Tabela 24).

Nesta última seção analisou-se a estrutura demográfica dos escravos levando em conta a estrutura de posse e a atividade econômica dos respectivos proprietários. Deve-se realçar a característica marcantemente rural da sociedade estudada, pois cerca de oitenta por cento dos escravos pertenciam a senhores dedicados à agricultura. O açúcar representava o principal produto, concentrado principalmente no Oeste Paulista. O café, em fase de gestação, consolidara-se em Areias, vila com o maior número de escravos dentre as localidades estudadas. A produção de aguardente representava outra atividade expressiva na Capitania. Entretanto, uma parcela marcante dos escravos dedicava-se a cultivos generalizados de subsistência, tais como milho, arroz e alguns produtos de exportação de menor expressão, como algodão e fumo. As demais atividades, como artesanato, comércio, serviços e transportes pouco representavam em termos de posse de escravos. Verificou-se significativa diferença na razão de masculinidade dos escravos dedicados ao açúcar e ao café, comparativamente às demais atividades. Quanto ao casamento, as conclusões anteriores, associando tamanho do plantel e porcentagem de escravos casados, permanecem, mesmo ao introduzir-se a variável atividade econômica do proprietário. O café mostrava porcentagem de casados menor, comparativamente às demais atividades agrícolas, para o mesmo tamanho do plantel. Aventou-se a hipótese dessa característica refletir não só a elevada razão de masculinidade no café, mas também a situação do produto em fase de implantação, com plantéis provavelmente recém-constituídos com a compra de escravos de outras áreas, sem tempo para a estruturação de laços familiares entre os escravos, hipótese esta a ser testada em futuras pesquisas.

TABELA 1
TOTAL DE ESCRAVOS E RAZÃO DE MASCULINIDADE ⁽¹⁾

Localidades	Censo Utilizado			1777		1804		1829	
	1777	1804	1829	Número	Razão ⁽⁴⁾	Número	Razão ⁽⁴⁾	Número	Razão ⁽⁴⁾
1. Vale do Paraíba				3794	128.3	6979	127.2	16593	173.7
Areias (Lorena, 1817)		1829						5597	217.8
Cunha (Guaratinguetá, 1785)	1804	1830				1327	157.7	1562	167.9
Guaratinguetá	1776	1804	1829	2691	140.1	1560	114.6	2209	147.1
Jacareí	1777	1804	1829	305	94.3	494	93.7	1298	155.0
Lorena (Guaratinguetá, 1788)	1804	1829				1867	128.0	2546	167.7
Pindamonhangaba	1777	1806	1829	616	91.1	1017	114.6	2173	137.5
S. Luiz Paraitinga	1776	1805	1829	182	188.9	714	153.2	1208	168.4
2. Região da Capital				5709	102.5	8404	100.4	8150	110.1
Atibaia	1775	1805	1829	1059	105.6	1754	102.5	1755	115.6
Cotia ⁽²⁾	1777	1802	1829	741	96.6	663	105.9	552	98.6
Guarulhos ⁽²⁾	1777	1805	1829	678	137.9	679	96.8	566	102.9
Mogi das Cruzes	1778	1805	1829	991	106.0	1748	85.2	2138	112.5
São Paulo	1779	1804	1829	2240	92.7	3560	107.5	3139	109.0
3. Oeste Paulista				2629	113.2	8373	153.0	18884	197.9
Campinas (Jundiaí, 1797)	1804	1829				1163	187.2	4885	235.0
Itapeva	1777	1806	1829	144	157.1	104	153.7	481	145.4
Itu	1778	1804	1829	1710	113.8	3581	149.2	4173	166.5
Jundiaí	1778	1804	1829	611	105.0	797	157.9	2084	178.6
Mogi Mirim	1777	1806	1829	164	107.6	826	128.2	2215	200.5
Porto Feliz (Itu, 1797)	1804	1829				1902	151.6	5046	208.8
4. Caminho do Sul				1459	122.7	3759	103.6	5044	116.7
Curitiba ⁽³⁾	1804	1829				1801	92.2	1661	96.6
Itapetininga	1778	1804	1828	411	150.6	498	123.3	978	125.9
Sorocaba	1778	1804	1829	1048	113.4	1460	112.8	2405	129.1
5. Litoral				2198	130.9	5525	121.1	5783	136.7
Cananeia ⁽³⁾	1806	1828				595	98.3	486	112.2
Iguape ⁽³⁾	1804	1828				1078	104.6	2368	122.1
Santos	1777	1804	1830	1478	135.1	1437	128.1	1410	192.3
São Sebastião	1777	1803	1828	720	122.7	2415	131.8	1519	128.4
TOTAL				15789	115.6	33040	121.4	54454	158.7

Notas: (1) Várias localidades foram criadas ao longo do período estudado. Nesses casos colocou-se o ano da criação e a localidade de origem. Normalmente os dados na nova Vila constavam, até o ano anterior à sua criação, na Lista Nominativa dos Habitantes da Vila da qual se originou.

(2) Freguesias com Listas Nominativas dos Habitantes independentes da Cidade de São Paulo, à qual pertenciam essas localidades.

(3) Vilas já criadas, mas sem Listas Nominativas referentes ao ano de 1777.

(4) O cálculo da razão de masculinidade baseou-se nos escravos com sexo discriminado.

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

TABELA 2
FAIXAS ETÁRIAS E RAZÃO DE
MASCULINIDADE DOS ESCRAVOS⁽¹⁾

	Faixas Etárias							
	0-9	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70 e +
ANO DE 1777								
1. Vale do Paraíba	119.6	97.5	142.5	142.8	159.2	170.0	232.6	314.3
2. Região da Capital	99.4	86.2	89.4	104.3	110.6	145.7	158.6	139.7
3. Oeste Paulista	96.8	99.6	108.6	124.8	117.9	166.2	143.9	162.5
4. Caminho do Sul	94.4	97.4	106.7	100.0	120.0	119.6	171.1	140.0
5. Litoral	134.9	106.7	128.7	115.8	133.6	187.5	135.3	173.8
TOTAL	108.0	97.8	113.4	116.4	122.5	158.0	162.4	183.2
ANO DE 1804								
1. Vale do Paraíba	96.9	116.5	146.5	134.1	158.7	175.6	128.6	220.0
2. Região da Capital	99.5	99.3	95.0	93.4	102.6	116.4	141.2	165.9
3. Oeste Paulista	102.4	148.0	173.0	180.4	168.3	186.4	210.9	97.6
4. Caminho do Sul	94.4	97.4	106.7	100.0	120.0	119.6	171.1	140.0
5. Litoral	106.7	107.8	117.8	137.4	132.5	206.7	144.3	134.5
TOTAL	100.0	114.0	128.9	129.5	136.6	154.7	156.4	144.7
ANO DE 1829								
1. Vale do Paraíba	99.5	165.6	217.1	215.1	176.9	192.8	275.6	129.6
2. Região da Capital	103.0	108.2	117.9	113.9	103.5	109.1	111.0	158.8
3. Oeste Paulista	96.9	177.9	253.6	253.1	228.2	225.5	242.7	181.5
4. Caminho do Sul	90.3	122.1	139.8	115.7	127.1	107.8	93.8	126.3
5. Litoral	106.6	128.9	155.1	148.3	151.0	168.0	164.3	131.3
TOTAL	99.1	151.0	197.8	187.2	166.8	169.4	175.0	148.8

Nota: (1) Porcentuais em relação aos escravos para os quais constava a idade.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS
ESCRAVOS SEGUNDO O ESTADO CIVIL⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Casados	Solteiros	Viúvos
ANO DE 1804			
Vale do Paraíba	33.8	62.9	3.3
Região da Capital	24.7	72.1	3.2
Oeste Paulista	34.0	63.8	2.2
Caminho do Sul	31.4	64.6	4.0
Litoral	18.6	78.6	2.9
TOTAL	28.8	68.2	3.0
ANO DE 1829			
Vale do Paraíba	26.5	71.7	1.8
Região da Capital	23.3	73.9	2.8
Oeste Paulista	34.6	63.6	1.8
Caminho do Sul	30.3	66.8	2.9
Litoral	18.9	78.9	2.2
TOTAL	28.4	69.6	2.1

Nota: (1) Porcentagens calculadas a partir dos escravos com idade e estado civil discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 4
SEXO, FAIXA ETÁRIA E ESTADO CIVIL DOS ESCRAVOS⁽¹⁾
(Porcentagens)

Faixa Etária	Homens							Mulheres						
	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70 e+	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70 e+
ANO DE 1804														
Casados	1.8	17.7	36.5	44.2	47.5	38.7	38.5	9.0	32.5	44.7	42.8	34.3	26.1	17.9
Solteiros	98.2	81.6	61.8	52.8	47.0	50.4	46.5	90.9	65.6	52.0	50.4	54.3	51.3	58.6
Viúvos	0.0	0.6	1.7	3.0	5.5	10.9	15.0	0.1	1.8	3.3	6.8	11.5	22.6	23.4
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
ANO DE 1829														
Casados	1.8	16.3	33.5	42.2	46.4	39.3	30.6	12.1	40.8	47.6	45.6	37.3	26.1	11.7
Solteiros	98.2	83.4	65.1	54.3	48.4	50.6	52.5	87.8	58.2	49.3	47.0	50.9	52.2	64.2
Viúvos	0.0	0.3	1.4	3.6	5.3	10.1	16.9	0.1	1.1	3.1	7.4	11.7	21.6	24.2
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Notas: (1) Dados agregados das 25 localidades, para os escravos com idade, origem e estado civil discriminados.
Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS
ESCRAVOS SEGUNDO SEXO E
ESTADO CIVIL⁽¹⁾
(Escravos de 20 a 69 Anos)

	Homens	Mulheres
1804		
Casados	31.23	37.44
Solteiros	66.45	57.76
Viúvos	2.33	4.80
Total	100.00	100.00
1829		
Casados	26.86	42.74
Solteiros	71.55	53.43
Viúvos	1.59	3.83
Total	100.00	100.00

Nota : (1) Porcentagens calculadas a partir dos escravos com sexo, idade e estado civil discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 6
RELAÇÃO ENTRE O NUMERO DE
CRIANÇAS E DE ESCRAVAS⁽¹⁾
(Crianças por Mil Mulheres)

	1777		1804		1829	
	04	09	04	09	04	09
Vale do Paraíba	600.6	1002.8	510.1	873.1	398.3	686.5
Região da Capital	490.7	910.2	347.5	703.4	356.4	689.0
Oeste Paulista	396.3	730.5	402.0	729.0	320.7	704.3
Caminho do Sul	396.6	698.4	470.2	964.0	408.5	828.5
Litoral	407.6	778.4	431.3	818.2	377.8	776.9
TOTAL	472.2	855.4	419.1	792.3	364.7	717.8

Nota: (1) Crianças de 04 anos em relação às mulheres de 1544 anos. Crianças de 09 anos em relação às mulheres de 1549 anos. Considerados apenas os escravos para os quais constava idade e sexo.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 7
PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS
NA POPULAÇÃO ESCRAVA⁽¹⁾

	1777		1804		1829	
	0-4	0-9	0-4	0-9	0-4	0-9
Vale do Paraíba	10.2	19.0	10.9	21.7	8.0	15.6
Região da Capital	11.6	22.8	9.6	20.5	9.5	19.3
Oeste Paulista	9.8	18.9	9.1	17.4	6.4	12.6
Caminho do Sul	9.7	18.1	11.5	24.9	10.1	21.4
Litoral	8.9	18.1	10.6	21.3	9.1	19.5
TOTAL	10.4	20.1	10.1	20.6	8.0	16.1

Nota: (1) Participação de crianças de 0-4 e 0-9 anos entre os escravos com idade discriminada.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 8
PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ORIGEM⁽¹⁾

Regiões	Nascidas no Brasil		Nascidas na África	
	0-4	0-9	0-4	0-9
ANO DE 1804				
1. Vale do Paraíba	17.5	31.8	0.4	0.9
2. Região da Capital	15.7	26.2	0.3	1.2
3. Oeste Paulista	34.9	31.5	0.2	0.9
4. Caminho do Sul	38.4	29.8	0.3	0.9
5. Litoral	27.0	39.6	1.4	2.3
TOTAL	22.3	30.8	0.5	1.2
ANO DE 1829				
1. Vale do Paraíba	18.1	35.1	0.4	1.1
2. Região da Capital	14.7	28.7	0.7	1.7
3. Oeste Paulista	14.8	28.4	0.9	1.9
4. Caminho do Sul	11.7	26.6	0.0	0.0
5. Litoral	14.2	29.9	2.2	5.1
TOTAL	15.8	31.0	0.7	1.7

Nota: (1) Porcentual das crianças, em relação ao total com a mesma origem. Apenas escravos com discriminação de idade e origem.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 9
RAZÃO ENTRE A SOMA DE CRIANÇAS
E VELHOS COM ADULTOS⁽¹⁾

Regiões	1777	1804	1829
Vale do Paraíba	55.6	52.4	37.3
Região da Capital	61.1	53.7	51.9
Oeste Paulista	47.6	38.5	34.7
Caminho do Sul	47.1	66.9	53.7
Litoral	53.2	53.6	46.5
TOTAL	54.8	50.6	40.7

Nota : (1) Razão entre a soma de crianças (0-14 anos) e velhos (65 e mais) com adultos (15-64 anos). Considerados apenas os escravos com idade discriminada.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 10
ORIGEM E RAZÃO DE MASCULINIDADE⁽¹⁾

Regiões	1804		1829	
	Africanos	Nascidos	Africanos	Nascidos
	Brasil		Brasil	
Vale do Paraíba	227.6	99.0	269.3	103.0
Região da Capital	144.6	86.8	150.1	100.4
Oeste Paulista	329.9	102.8	276.0	102.0
Caminho do Sul	214.4	97.2	184.0	106.9
Litoral	184.0	98.0	198.4	98.8
TOTAL	202.6	94.9	253.5	101.8

Nota: (1) Cálculos referem-se ao escravos com origem e sexo discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 11
DISTRIBUIÇÃO DAS ESCRAVAS POR FAIXA
ETÁRIA E ORIGEM⁽¹⁾

Faixa Etária	Total de Escravas	Nascidas Brasil	Africanas
0-09	23.3	29.8	1.8
10-19	24.0	24.3	23.2
20-29	22.9	19.6	33.5
30-39	13.8	12.1	19.5
40-49	8.5	7.4	12.2
50-59	4.3	3.7	6.3
60-69	2.1	2.2	2.0
70 e mais	1.0	0.9	1.5
TOTAL	100.0	100.0	100.0
0-09	21.3	32.3	2.8
10-19	28.2	25.7	32.5
20-29	24.6	18.7	34.6
30-39	13.6	11.9	16.4
40-49	7.3	6.5	8.6
50-59	3.2	3.1	3.3
60-69	1.3	1.4	1.3
70 e mais	0.5	0.5	0.6
TOTAL	100.0	100.0	100.0

Nota: (1) Os dados referem-se ao conjunto das informações disponíveis para as 25 localidades consideradas. Porcentuais referem-se aos escravos com origem e sexo discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 12
ORIGEM DOS ESCRAVOS E PARTICIPAÇÃO
DOS CASADOS E VIÚVOS⁽¹⁾
(Escravos com Quinze Anos e Mais)

	Africanos			Nascidos no Brasil		
	Casados	Solteiros	Viúvos	Casados	Solteiros	Viúvos
ANO DE 1804						
Vale Paraíba	36.3	60.6	3.1	38.8	57.9	3.3
Região Capital	27.3	69.5	3.2	22.2	74.6	3.2
Oeste Paulista	34.3	63.3	2.3	30.3	66.3	3.3
Caminho Sul	41.3	52.3	6.4	33.7	63.6	2.7
Litoral	22.3	75.0	2.8	20.7	75.2	4.0
TOTAL	31.2	65.7	3.1	28.6	68.1	3.3
ANO DE 1829						
Vale Paraíba	24.3	74.3	1.4	22.9	75.1	2.0
Região Capital	29.2	67.8	2.9	25.3	71.1	3.6
Oeste Paulista	33.3	64.8	1.9	31.5	66.6	1.9
Caminho Sul	36.4	62.5	1.1	41.3	55.9	2.8
Litoral	19.8	77.3	2.9	24.6	72.8	2.6
TOTAL	27.7	70.5	1.8	26.7	71.0	2.3

Nota: (1) Participação em relação aos escravos para os quais constou o estado civil e a idade

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 13
ORIGEM, FAIXA ETÁRIA E ESTADO CIVIL DOS ESCRAVOS⁽¹⁾
(Porcentagens)

Faixa Etária	Africanos						Nacionais							
	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70 e+	15-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70 e+
ANO DE 1804														
Casados	11.7	25.0	39.4	46.2	44.5	34.6	33.1	7.5	21.1	38.0	41.4	36.6	34.2	28.5
Solteiros	88.3	73.7	58.0	48.7	53.2	52.3	52.4	77.7	59.2	53.3	55.0	47.2	47.2	47.7
Viúvos	0.0	1.3	2.6	5.1	7.4	12.2	14.6	0.1	1.2	2.8	5.3	8.4	18.7	23.8
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
ANO DE 1829														
Casados	10.6	25.5	41.2	46.1	46.6	37.2	19.6	8.1	26.0	40.1	46.5	42.5	32.8	26.7
Solteiros	89.3	74.1	56.8	48.7	45.1	47.5	56.5	91.6	73.4	57.6	47.9	47.9	51.2	56.4
Viúvos	0.1	0.4	2.0	5.1	8.3	15.2	23.9	0.2	0.6	2.3	5.5	9.6	16.0	16.8
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Nota: (1) Dados agregados das 25 localidades para os escravos com idade, origem e estado civil discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 14
TAMANHO DO PLANTEL E RAZÃO
DE MASCULINIDADE⁽¹⁾

	Tamanho do Plantel					Total
	1-5	6-10	11-20	21-40	41 e+	
ANO DE 1777						
Vale do Paraíba	116.3	130.8	134.5	140.7	101.9	128.3
Região da Capital	93.5	101.2	104.2	119.3	118.2	102.5
Oeste Paulista	101.4	112.6	125.7	119.8	125.3	113.2
Caminho do Sul	102.8	126.3	135.2	176.9	124.1	122.7
Litoral	98.8	121.2	143.5	217.4	184.8	130.9
TOTAL	101.3	114.1	122.8	137.0	128.7	115.6
ANO DE 1804						
Vale do Paraíba	113.7	119.3	127.7	151.5	151.9	127.2
Região da Capital	84.7	98.7	112.3	118.0	122.8	100.4
Oeste Paulista	110.6	145.6	154.2	193.4	176.2	153.0
Caminho do Sul	96.0	102.5	113.7	115.5	91.2	103.6
Litoral	99.3	110.3	124.4	146.5	157.5	121.1
TOTAL	99.3	112.8	126.9	154.1	151.2	121.4
ANO DE 1829						
Vale do Paraíba	143.6	156.7	175.2	193.4	207.4	173.7
Região da Capital	89.8	121.3	120.9	136.7	108.1	110.1
Oeste Paulista	117.7	151.5	206.9	225.8	228.9	197.9
Caminho do Sul	100.2	117.4	130.1	118.2	179.3	116.7
Litoral	111.5	131.8	161.7	130.9	162.3	136.7
TOTAL	112.5	138.7	166.3	187.5	207.3	158.7

Nota: (1) Calculou-se a razão de masculinidade para os escravos com sexo discriminado.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 15
TAMANHO DO PLANTEL E PARTICIPAÇÃO
DE CASADOS E VIÚVOS⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Tamanho de Plantel					Total
	1-5	6-10	11-20	21-40	41 e+	
ANO DE 1804						
Vale do Paraíba	20.0	38.6	46.8	47.6	47.4	37.1
Região da Capital	16.6	28.1	34.1	36.7	46.3	27.9
Oeste Paulista	23.9	32.9	37.3	41.7	45.4	36.2
Caminho do Sul	27.0	36.0	39.7	44.0	44.4	35.4
Litoral	10.5	16.2	25.0	30.6	32.2	21.4
TOTAL	19.2	30.3	36.6	40.7	42.8	31.8
ANO DE 1829						
Vale do Paraíba	15.7	27.2	31.7	34.4	31.3	28.3
Região da Capital	16.3	24.8	33.8	34.8	40.0	26.1
Oeste Paulista	21.2	27.2	38.2	38.3	41.7	36.4
Caminho do Sul	27.2	36.2	38.0	46.3	24.8	33.2
Litoral	9.8	17.9	23.4	32.8	32.8	21.1
TOTAL	17.9	26.6	33.3	36.7	37.4	30.4

Nota: (1) As porcentagens referem-se aos escravos com idade e estado civil discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 16
TAMANHO DO PLANTEL E
PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS⁽¹⁾

	Tamanho de Plantel									
	1-5		6-10		11-20		21-40		41 e+	
	04	09	04	09	04	09	04	09	04	09
ANO DE 1777										
Vale do Paraíba	9.4	16.4	10.8	21.6	10.4	19.9	11.7	20.1	1.9	3.7
Região da Capital	10.0	19.3	12.6	24.0	13.8	26.3	9.6	21.0	10.5	24.0
Oeste Paulista	6.7	14.7	11.0	21.8	10.3	19.2	12.5	20.3	13.5	25.3
Caminho do Sul	7.4	14.8	12.1	21.7	10.9	20.1	3.5	8.3	16.5	27.3
Litoral	6.9	14.9	11.2	21.3	11.3	21.6	6.4	15.5	4.3	12.2
TOTAL	8.6	16.8	11.7	22.5	11.8	22.3	10.1	19.1	9.6	20.1
ANO DE 1804										
Vale do Paraíba	7.5	16.3	11.4	24.3	13.0	25.1	12.7	22.8	11.7	21.5
Região da Capital	7.3	16.0	11.4	24.4	10.6	22.4	9.6	20.2	10.9	20.8
Oeste Paulista	7.1	15.7	9.8	18.5	8.6	19.2	10.4	16.3	9.7	17.5
Caminho do Sul	10.2	22.8	11.8	26.0	13.0	27.9	11.6	23.8	12.5	24.1
Litoral	8.4	17.8	13.4	24.0	11.4	24.8	10.3	19.9	9.6	19.6
TOTAL	7.9	17.2	11.5	23.5	11.0	23.2	10.9	19.6	10.4	19.6
ANO DE 1829										
Vale do Paraíba	7.2	14.4	9.0	17.2	8.8	17.9	7.0	14.8	7.5	13.3
Região da Capital	7.0	15.1	10.9	21.4	10.9	21.7	9.3	19.7	12.9	23.8
Oeste Paulista	6.2	13.7	9.5	19.2	6.2	12.5	5.6	10.9	6.2	11.7
Caminho do Sul	8.9	20.3	13.3	26.3	9.1	19.5	10.1	19.3	8.9	17.8
Litoral	6.5	13.7	10.2	21.5	9.6	21.1	12.5	26.4	7.4	16.7
TOTAL	7.1	15.3	10.2	20.2	8.5	17.5	7.2	14.8	7.1	13.3

Nota: (1) Participação de crianças de 0-4 e 0-9 anos na população escrava com idade discriminada.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 17
TAMANHO DO PLANTEL E RELAÇÃO
CRIANÇAS E ESCRAVOS⁽¹⁾
(Crianças por 1000 Mulheres)

	Tamanho do Plante									
	1-5		6-10		11-20		21-40		41 e+	
	04	09	04	09	04	09	04	09	04	09
ANO DE 1777										
Vale do Paraíba	548.0	717.3	702.0	1171.3	671.1	1163.6	512.8	1140.5	250.0	400.0
Região da Capital	391.7	738.7	545.2	965.3	601.9	1095.7	418.9	809.5	475.6	1034.9
Oeste Paulista	241.8	507.8	450.0	919.1	456.7	782.6	514.3	814.8	685.7	1097.6
Caminho do Sul	260.3	500.0	522.2	875.0	500.0	880.6	156.3	342.9	769.2	1178.6
Litoral	247.3	513.2	475.0	832.1	583.3	1046.9	411.8	809.5	400.0	1150.0
TOTAL	345.7	626.8	545.0	970.5	580.0	1031.6	452.6	860.8	543.9	1048.6
ANO DE 1804										
Vale do Paraíba	312.4	561.1	554.8	978.7	641.8	1100.8	646.3	1055.6	546.8	939.6
Região da Capital	233.9	487.6	428.1	863.3	417.8	817.5	320.0	719.1	479.2	868.4
Oeste Paulista	250.5	527.6	444.0	763.2	402.5	872.6	513.4	820.4	477.0	737.2
Caminho do Sul	390.4	836.2	475.3	991.5	577.5	1155.0	516.4	1000.0	465.5	881.4
Litoral	283.4	564.2	549.3	930.2	488.6	1015.5	446.3	804.2	488.0	932.2
TOTAL	279.9	566.0	481.4	898.0	486.1	956.0	488.6	866.5	491.1	844.5
ANO DE 1829										
Vale do Paraíba	321.8	547.7	444.1	721.9	440.9	821.4	369.2	689.4	408.2	643.6
Região da Capital	229.3	472.1	427.2	800.8	430.5	827.6	408.7	804.9	509.2	916.2
Oeste Paulista	221.5	474.8	407.0	780.5	317.4	627.4	297.5	647.1	355.8	919.0
Caminho do Sul	321.3	720.7	569.5	1070.7	383.3	778.7	400.0	745.8	480.0	888.9
Litoral	210.9	433.6	431.0	873.4	459.5	948.5	560.4	1137.6	373.4	781.1
TOTAL	261.2	526.2	448.0	816.3	403.3	786.1	363.9	736.5	386.0	811.8

Nota: (1) Crianças de 0-4 anos em relação às mulheres de 15-44 anos. Crianças de 0-9 anos em relação às mulheres de 15-49 anos. Relação calculada apenas para os escravos com idade e sexo discriminados.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 18
ATIVIDADES DOS SENHORES E RAZÃO DE
MASCULINIDADE DOS ESCRAVOS⁽¹⁾

	Agricul-tura	Minera-ção (2)	Ativid. mar (2)	Artesa-nato	Liberais e afins	Comércio	Trans-porte	Serviços (2)	Outros	Total
ANO DE 1804										
Vale do Paraíba	131.4			70.9	134.1	100.0	152.8		100.0	127.6
Região da Capital	100.8			58.0	110.3	108.4	89.9	100.0	97.4	99.8
Oeste Paulista	160.8			71.1	146.0	114.1	136.7		281.3	153.6
Caminho do Sul	101.3	141.4		106.1	130.3	111.0	80.0		548.7	102.8
Litoral	120.7		96.7	110.3	133.9	124.5	100.0	60.0	76.9	118.2
TOTAL	126.2	144.8	96.7	81.0	121.9	111.2	117.2	75.0	85.0	120.9
ANO DE 1829										
Vale do Paraíba	180.4			84.1	149.4	133.4	182.5		120.0	173.6
Região da Capital	110.5			86.2	120.1	104.1	150.0		92.3	110.6
Oeste Paulista	210.3			102.6	139.5	128.4	198.1		493.1	199.9
Caminho do Sul	121.0			79.7	104.9	118.6	117.1		465.5	116.3
Litoral	129.8		124.0	89.2	193.8	181.9			73.8	135.8
TOTAL	169.8		124.0	88.3	135.0	130.6	166.1		91.2	159.8

Notas: (1) Relações calculadas apenas para os escravos com o respectivo sexo discriminado, bem como a atividade do proprietário.

(2) Atividades com pequeno número de escravos, o que torna os resultados instáveis.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 19
ATIVIDADES DOS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS E
PARTICIPAÇÃO DE CASADOS E VIÚVOS⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Agricul-tura	Minera-ção	Ativi-dades do mar	Artesa-nato	Prof. Liberais	Comércio	Trans-portes	Serviços	Outros
ANO DE 1804									
Vale do Paraíba	36.5			14.5	23.8	33.5	40.3		20.3
Região da Capital	32.7			11.2	22.0	21.9	28.5	0.0	15.2
Oeste Paulista	38.1			12.2	30.0	24.4	25.8		28.3
Caminho do Sul	38.6	28.3		25.0	37.3	26.6	40.5		13.3
Litoral	25.7	0.0	32.0	19.7	23.4	28.8	0.0		37.0
TOTAL	35.0	27.7	32.0	15.6	24.6	25.6	33.2	0.0	23.7
ANO DE 1829									
Vale do Paraíba	28.9			11.7	25.3	23.4	24.6		14.6
Região da Capital	31.7			12.4	13.4	22.3	38.5	0.0	10.3
Oeste Paulista	33.8			12.4	21.5	24.6	22.3		18.8
Caminho do Sul	35.7			23.1	32.0	29.2	42.6		23.1
Litoral	27.1		4.8	6.1	7.0	12.2	58.3		11.8
TOTAL	31.5		4.8	13.0	18.3	21.9	30.0	0.0	14.0

Nota: (1) Dados calculados para os escravos com o respectivo estado civil discriminado, bem como a atividade do proprietário.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 20
TAMANHO DO PLANTEL, ATIVIDADES DOS
PROPRIETÁRIOS E PARTICIPAÇÃO
DE CASADOS E VIÚVOS⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Tamanho do Plantel										
	1-5		6-10		11-20		21-40		41 e mais		
	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	
ANO DE 1804											
Agricultura	19.4	3.1	29.9	3.8	34.8	3.3	38.9	3.0	41.2	3.5	
Mineração (2)	0.0	0.0	41.7	0.0	25.0	0.0	15.8	10.5			
Ativ. do Mar (2)	5.9	0.0	18.8	0.0	17.9	2.6	72.0	4.0			
Artesanato	9.5	1.9	16.2	4.2	25.0	1.1	37.5	6.3			
Prof. Liberais	15.7	1.9	18.0	1.8	26.2	2.8	32.3	3.1	52.5	4.9	
Comércio	11.2	2.2	26.9	2.4	23.7	2.3	36.7	0.7	56.8	2.7	
Transportes	23.2	0.6	22.4	2.0	40.8	4.1	47.1	0.0	63.6	0.0	
Serviços (2)	0.0	0.0									
Jornaleiros (2)	5.3	0.0									
Outros	15.2	2.5	26.6	1.6	20.0	3.3	52.9	5.9			
TOTAL	*	17.4	2.7	27.8	3.4	32.8	3.1	38.9	3.0	42.1	3.5
ANO DE 1829											
Agricultura	18.2	2.3	27.9	1.9	30.8	2.5	33.9	2.2	31.9	1.5	
Mineração (2)											
Ativ. do Mar (2)	2.4	2.4									
Artesanato	9.1	2.4	13.9	1.2	10.0	1.7	62.5	0.0			
Prof. Liberais	12.7	2.1	16.4	2.2	17.0	2.5	12.7	3.2	65.0	2.5	
Comércio	12.7	1.6	18.2	1.7	25.1	1.6	31.0	3.0	33.5	3.3	
Transportes	16.1	1.7	28.0	0.9	35.8	3.0	28.6	1.7			
Serviços (2)	0.0	0.0									
Jornaleiros (2)	10.5	0.0	20.0	0.0							
Outros	9.2	2.0	13.6	1.7	41.2	0.0					
TOTAL	15.5	2.2	25.1	1.8	29.7	2.5	33.6	2.2	32.1	1.6	

Notas: (1) Os dados referem-se aos agregados das informações disponíveis nas 25 localidades.

(2) Atividades com pequeno número de escravos, o que torna os resultados muito instáveis.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 21
ATIVIDADES AGRÍCOLAS DOS PROPRIETÁRIOS E
RAZÃO DE MASCULINIDADE DOS ESCRAVOS⁽¹⁾

	Açúcar	Café	Aguardente	Outros Cultivos	Pecuária
ANO DE 1804					
Vale do Paraíba	158.2	125.0	111.6	132.1	184.5
Região da Capital	100.0	121.7	93.0	126.6	
Oeste Paulista	218.9	100.0	133.3	116.7	148.8
Caminho do Sul	142.6	133.3	103.1	93.2	
Litoral	170.1	123.7	160.8	100.2	
TOTAL	195.0	116.7	129.9	108.2	144.5
ANO DE 1829					
Vale do Paraíba	187.9	266.5	204.8	170.2	200.5
Região da Capital	153.3	154.5	138.8	105.4	161.7
Oeste Paulista	288.1	142.9	313.8	156.6	181.3
Caminho do Sul	175.5	175.0	156.3	125.5	122.7
Litoral	165.7	124.7	200.0	138.8	
TOTAL	264.5	249.4	185.5	139.7	172.5

Notas: (1) Escravos com 15 anos e mais, para os quais constava o respectivo sexo bem como a atividade do proprietário.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 22
TIPO DE ATIVIDADE AGRÍCOLA DO PROPRIETÁRIO E
PARTICIPAÇÃO DE CASADOS E VIÚVOS ⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Açúcar	Café	Aguar-dente	Outros Cultivos	Pecuária
ANO DE 1804					
Vale do Paraíba	47.1	55.6	30.8	32.8	39.7
Região da Capital	25.0		42.6	30.0	41.4
Oeste Paulista	41.6	8.3	47.6	29.2	28.4
Caminho do Sul	56.1		44.9	35.3	36.0
Litoral	30.4	34.6	21.7	21.1	
TOTAL	41.0	26.8	37.9	30.1	38.1
ANO DE 1829					
Vale do Paraíba	38.2	25.4	29.8	28.7	39.3
Região da Capital	48.7	31.6	38.2	29.5	39.0
Oeste Paulista	36.0	29.4	27.0	28.4	43.8
Caminho do Sul	40.7	54.5	36.6	34.1	31.3
Litoral	35.5	22.6	26.7	22.4	
TOTAL	36.5	25.6	32.0	28.5	38.9

Nota: (1) Porcentuais referem-se aos escravos com sexo e estado civil discriminados, bem como a atividade do proprietário.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 23
TAMANHO DO PLANTEL, ATIVIDADES AGRÍCOLAS
DOS PROPRIETÁRIOS E RAZÃO DE MASCULINIDADE⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Tamanho do Plantel					
	1-5	6-10	11-20	21-40	41 e mais	TOTAL
ANO DE 1804						
Açúcar	175.2	187.7	187.7	202.7	198.4	195.0
Café	94.1	92.9	228.6	60.0	116.7	
Aguardente	146.3	120.6	125.0	150.0	119.7	129.9
Outros Cultivos	99.5	106.2	118.5	146.0	111.4	108.2
Pecuária	163.9	129.4	133.0	164.3	124.5	144.5
TOTAL	108.3	121.2	141.9	181.4	168.8	138.1
ANO DE 1829						
Açúcar	108.6	206.4	271.5	265.5	268.0	264.5
Café	223.4	200.3	230.8	273.2	303.5	249.4
Aguardente	190.2	169.1	184.1	202.0	175.9	185.5
Outros Cultivos	119.4	144.2	163.5	156.7	153.8	139.7
Pecuária	130.7	161.0	177.7	160.0	214.7	172.5
TOTAL	131.9	161.2	202.7	233.3	263.2	201.9

Nota: (1) Os dados referem-se ao agregado das informações disponíveis nas 25 localidades. Escravos para os quais constava o respectivo sexo bem como a atividade do proprietário.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

TABELA 24
TIPO DE ATIVIDADE AGRÍCOLA DO PROPRIETÁRIO,
TAMANHO DO PLANTEL E PARTICIPAÇÃO DE
CASADOS E VIÚVOS⁽¹⁾
(Escravos com 15 Anos e Mais)

	Tamanho do Plantel									
	1-5		6-10		11-20		21-40		41 e+	
	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos	Casados	Viúvos
ANO DE 1804										
Açúcar	19.4	2.8	30.9	3.4	38.5	3.0	39.5	2.5	42.3	2.8
Café	21.2	3.0	33.3	0.0	17.4	4.3	66.7	33.3		
Aguardente	22.4	2.6	31.9	3.6	38.1	2.8	32.3	4.5	50.0	7.4
Outros Cultivos	18.9	3.2	28.3	3.8	33.4	3.7	42.2	3.3	36.2	5.1
Pecuária	21.8	1.7	36.5	4.3	35.9	3.9	36.5	3.7	41.1	0.3
ANO DE 1829										
Açúcar	23.3	6.8	35.6	1.7	30.8	2.1	35.9	2.0	35.0	1.6
Café	12.6	1.7	24.5	0.6	24.6	1.5	28.2	1.2	26.9	0.8
Aguardente	25.4	5.9	24.1	2.1	32.2	3.7	30.0	3.0	24.2	2.9
Outros Cultivos	18.6	2.2	28.0	2.4	31.5	3.0	33.0	3.4	30.5	3.0
Pecuária	26.0	0.0	32.6	1.1	38.3	3.3	36.2	2.7	43.3	2.2

Nota: (1) Os dados referem-se ao conjunto das informações disponíveis para o agregado das 25 localidades, considerando os escravos com a respectiva idade e o estado civil discriminados, bem como a atividade do proprietário.

Fonte: A mesma da Tabela 1.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Iraci del Nero da *et al.* A família escrava em Lorena (1801). *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 249-295, maio/ago. 1987.
- ____ & GUTIÉRREZ, Horacio. Nota sobre o casamento de escravos em São Paulo e no Paraná (1830). *História: Questão e Debates*, v. 5, n. 9, p. 313-321, 1984.
- GUTIÉRREZ, Horacio. *Casamento nas senzalas: Paraná, 1800-1830*. São Paulo: IPE/USP, 1986 (mimeo).
- KLEIN, Herbert S. Demografia do tráfico Atlântico de escravos no Brasil. *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 129-149, maio/ago. 1987.

LUNA, Francisco V. *Casamento de escravos em São Paulo: 1776, 1804 e 1829. História e População, Estudos sobre a América Latina.* São Paulo: ABEP/IUSSP/CELADE, 1990.

_____ & KLEIN, Herbert S. *Slaves and masters in early nineteenth century Brasil: São Paulo in 1829. Journal of Interdisciplinary History*, v. XXI, n. 4, 1991.

METCALF, Alida. *Families of planters, peasants and slaves: strategies for survival in Santana do Parnaíba, Brazil, 1720-1820.* Tese de Doutorado, University of Texas at Austin, 1983.

_____ Searching for the slave family in Colonial Brazil: a reconstruction from São Paulo. *Journal of Family History*, v. 16, n. 3, p. 283-297, 1991.

MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres estrutura da posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal, 1801).* Tese de Doutorado, São Paulo: FEA-USP, 1990.

SLENES, Robert W. *The demography and economics of brazilian slavery: 1850-1888.* Tese de Doutorado, Stanford University, 1976 (mimeo).

_____ Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX). *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 217-227, maio/ago. 1987.

(Recebido em março de 1992. Aceito para publicação em março de 1993.)